

A ESSÊNCIA DE “VER”

António Castanheira Dinis
Oftalmologista
Professor Jubilado da
Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa

Ver e Linguagem Quotidiana
Ver Sensorial
 O Fenómeno Ocular
 O Fenómeno Cerebral
Ver, Sentimento e Emoção
Ver e Arte
Ver e Mau-Olhado
Ver, Ilusões e Magia
Ver e Fractais

Estimadas e Estimados Académicos, Minhas Senhoras e Meus Senhores,

Sinto uma enorme honra pelo convite que me foi dirigido e um grande prazer em poder partilhar a companhia de tão ilustres e distintas personalidades, neste Dia da Academia 2014.

Como Oftalmologista, tenho dedicado grande parte da minha vida a cuidar dos olhos e a preservar o ver. O ver e a visão da mais humilde pessoa à mais distinta personalidade da nossa sociedade civil, militar, religiosa – da nobreza aos políticos.

Esta circunstância ter-me-á permitido enfrentar as mais diversas situações de abismo existencial do ser humano quando encarado com a perda ou limitação visual. Na verdade, para a grande maioria das pessoas, ver é considerado um bem possuído e indubitável.

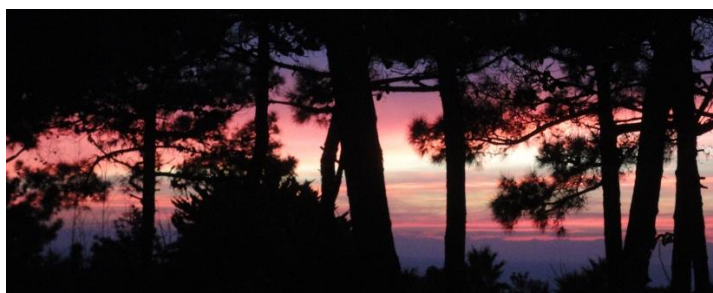
Também escolhi este tema porque muitas vezes meditei sobre o que era ver, como se processava o fenómeno visual e como se realizava esse processo que aceitamos como óbvio e natural.

Afinal o que é ver e como usamos esse termo tão comum na nossa linguagem cotidiana? – O VER está continuamente a ser utilizado na nossa vida e frequentemente é empregue com entoação especial para realçar um sentido mais lato, como por exemplo, compreender ou entender.

A cada momento utiliza-se o ver para viver e sentir e, nem sempre, consciencializamos como sublime é ver e como indispensável o ver se torna para nos ajudar a integrar a existência dos outros e de nós próprios.

Eventualmente, poder-se-ia chamar a esta palestra "A insustentável leveza de ver o ver"

Irei mostrar um conjunto de imagens que seleccionei, deixando a cada um a interpretação e o sentimento que a imagem transmite.



Entardecer

Na verdade, ver é leve, inaparente, instantâneo e automático; contudo, ver é real e vivencial de tal modo que, em certas circunstâncias, desviamos os olhos para não ver, exactamente como aguçamos o nosso olhar para o que nos seduz, digamos, para o que nos surpreende, atrai ou deslumbra.

Deslumbrar deriva de "encher de encanto o nosso sentir", muitas vezes ligado à luz bem como ao prazer vivencial sobre alguma coisa ou sobre alguém excepcional, num sentido em que o sentir se sobrepõe a qualquer lógica, precisamente, como numa paisagem fantástica acaba por não ter valor senão a harmonia, a cor, o contraste e as silhuetas que nada têm a ver com lógica ou com racional.

Por outro lado, pergunto: porque estamos sempre a ver coisas que não nos interessam se o essencial, em termos pragmáticos e técnicos, é vermos o que nos interessa e o que se ajusta à nossa profissão e ofício?

E, não se percebe porque desgastamos os olhos e o olhar em trivialidades insignificantes que nada nos enriquecem porque são desperdício, ocupando a atenção e o cérebro, distraindo o pensamento.

Afinal, porque estamos sempre a ver e não se suspende o olhar e a atenção visual?

Deixar de ver! “NÃO VER”? Isto é um outro ponto que na sua essência é bem complexo.

Pois, só quem não vê sabe e poderá sentir como difícil é não ver e só nós sabemos o que terá perdido por não ter visto aquelas imagens que apresentei. Não há descrição completa possível porque “uma imagem vale por mil palavras”...

Em boa verdade, ver é demasiado subtil e tão natural que nem nos apercebemos quanto insuportável será não ver e não vivenciar com o olhar o mundo que nos rodeia.

Tão natural é ver, que se tornou imperceptível o seu significado como virtude adquirida a qual exploramos a belo prazer na arte, na leitura e no ofício a tal ponto que é insustentável perder a visão porque empobrece a vida e desregula, completamente, o harmonioso conjunto da pessoa.

Que dirão todos aqueles que nunca chegaram a ver? Como se embrenham no mundo sem ver? Como imaginarão o mundo que nós vemos? É insuportável pensar como pesado será deixar de ver.

Pode-se viver sem ver, repito, vive-se sem ver, mas ver enriquece e completa, grandemente, o ser. Porque VER incorpora complexidade cerebral e pensamento integrativo a par de apreensões sensoriais, de conhecimento e de memória. E, também, de sentimento!

A propósito, analisemos a tendência que, actualmente, se vive e sobre a qual vale a pena meditar, neste ambiente intelectual de mulheres e homens de cultura.

Um articulista comentava, recentemente, um artigo da Revista Time sobre "factos do ano" e o tema era escrita, leitura, imagem e visão. Dizia " cada vez mais vai deixar de ser escrita e lida para passar a ser vista". É natural que assim seja, continuava "...é a vista, o sentido da visão, que mais em nós manda". E, mais à frente concluía " ... a imagem será mais importante que a palavra...". O tema era You Tube, People of the Year, na revista Time do ano passado.

Não farei comentários mas, já que chegámos ao Século do ver, poderei perguntar.

Quem sabe o que é ver? É óbvio – ver é ver...

Mas como se processa o fenómeno visual? São os olhos que vêem? Só sabemos que por si só os olhos não são capazes de alguma coisa ver. Na verdade, ver está para além dos olhos e é o cérebro que consciencializa o ver que percebemos.

Atingir este ponto de entendimento da visão terá merecido a distinção de vários prémios Nobel, conforme foi acontecendo ao longo de décadas, numa aquisição parcelar de conhecimentos sobre um fenómeno tão trivial como complexo. Quem sabe o que é ver? Eu, ainda não sei bem o que é ver, conforme costumo dizer aos meus alunos.

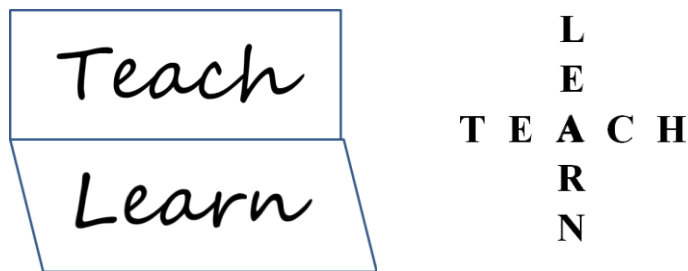
Habitúamo-nos a olhar o mundo e o que nos rodeia, com naturalidade. Está em nós, faz parte de nós de tal modo que, até, nem reparamos como é sublime ver. O ver proporciona sentimentos que se retêm e perduram, sentimentos e impressões que fazem parte de nós e existem somente porque o ver foi possível. Ver é magnífico, ver é virtude, ver é qualquer coisa de muito bom, ver é riqueza, ver é atributo, ver é estimulante.

Hoje, entendi trazer aqui a ventura do ver como fortuna a não alienar, a preservar no sentido preventivo, independentemente do muito que haverá a cuidar e a fazer por todos aqueles que capciosamente deixaram de ver ou nunca terão chegado a ver.

Mas, na sua essência VER tem outros significados, para além da capacidade de identificar formas separadas como se define na escala métrica que caracteriza a acuidade visual e que nós, oftalmologistas, usamos, correntemente.

Relativamente ao VER na linguagem quotidiana, começo por recordar que é natural os médicos dizerem, entre si que “vou ver um doente” ou que “vi um doente” com o significado de “examinar ou observar” e, logo aqui, ver implica mais do que olhar na sua essência.

Por outro lado, a essência do “VER” pode resumir-se a vermos com clareza e nitidez e não nos limitarmos a ilusões e a truques de magia, sabendo, perfeitamente, que eles existem e sabendo que o fenómeno ver contém muito mais do que a recolha fotográfica da imagem que se nos depara.



Palavras “em espelho” e palavras cruzadas com significados íntimos

Ver é mais do que isso, é decifrar a mensagem de uma imagem, de uma fotografia, de uma pintura, de um quadro, de uma pessoa. Porque, ver é integrar sentimentos, impressões e emoções num acto único do olhar e apreender num instante a sensação que nos chega, própria e individual. Na verdade, poderá haver pontos, opiniões e sentimentos análogos entre pessoas, mas no final são sempre distintas e diferentes as visões de cada um.

O “ver” oferece-nos, ainda, a possibilidade de análise do detalhe, o qual nos permite racionalizar outros argumentos quanto à “impressão” e ao “gosto”, digamos aprovação do que se nos apresenta e vemos. Em suma, ver implica sentimento, emoção e racionalidade.

Na verdade, a visão e o ver têm muito de pessoal e a forma como se interpreta, por exemplo uma cor; varia de pessoa para pessoa não existindo, muitas vezes, unanimidade de opinião.

Vejam os um quadro, uma pintura. Estou certo de que ele imprimirá sentimento – gosto-não gosto – mostra cor e interpretação diferente a cada um de nós resultando numa opinião pessoal tudo o que ele transmite. O quadro não muda. O que muda são as pessoas que o observam, que o vêem e que o apreciam ou não. Ele é sempre igual. Deste modo, poderemos dizer que a essência do ver pode vir a ter diferentes significados e nem sempre exprime a mesma coisa. Tudo depende de quem está a ver e da forma como se “aprendeu a olhar”...



Olhos – Vieira da Silva 1975

Nesta ordem de ideias, VER terá mesmo vários significados e a essência do termo VER aponta-nos para um campo mais vasto, poderei até dizer, sublime na sua essência.

E quem diz “ver um quadro” pode dizer “ver um tema político”, “uma notícia”, “um comentário”, comentar a “visão de um analista”, ou referir-se à “Visão de uma instituição ou de uma empresa”.

Poderíamos, assim, passar para um outro aspecto da forma de ver: como é que os políticos vêm, quero dizer, como é a visão dos políticos. Sabemos que, em termos políticos, poderão haver várias visões sobre o mesmo assunto. Poder-se-á dizer que é uma questão de perspectiva de como se olha, de cima, de baixo, da direita ou da esquerda ou em diagonal, digamos, de forma enviesada como alguns acabam por olhar os assuntos. Logo, ver não é unísono e, em último caso, é individual.

Muitas vezes, sentimento, emoção e racionalidade estão fora da evidência e da objectividade do tema e, muitas vezes, a visão tem um sentido deturpado da realidade. Esta é a razão da discussão inútil com quem não quer ou não é capaz de ver bem um assunto ou um tema que está em cima da mesa para debate.

A essência do ver, afinal, varia conforme as pessoas e de acordo com as convicções de cada um.

Na realidade, para se ver com qualidade e atributo é necessário “aprender a olhar” e, assim, ver transforma-se em interpretar o que nos é oferecido e se nos apresenta.

Olhar e interpretar o que se vê significa compreender, unindo o fenómeno ver visual à infável actividade cerebral que congrega o raciocínio, a opinião, o sentimento, a emoção e, depois, a palavra, escrita ou pronunciada.

Outras vezes, ver tem um significado mítico traduzido no mau-olhado que nem sempre é aceite mas que influencia e influenciou certa comunidade supersticiosa a tal ponto de se recorrer a amuletos para espantar esse “mau-olhado”.

Como vemos, a “essência de ver” arrasta-nos para campos diversos porque o “ver” está constantemente connosco, faz parte da nossa vida e raramente nos alheamos do que estamos a ver.

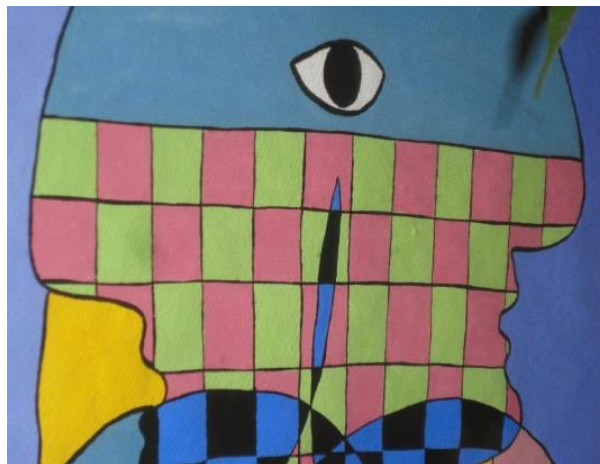
Mas o ver pode ser “traíçoeiro” como acontece nas ilusões e na magia. Julgamos ver uma coisa e afinal a realidade é outra, parecida ou similar. É a mestria da magia..... desviar a atenção do cérebro e omitir detalhes que não se vêem....

Quando entramos nessa forma de ver que é a ilusão ficamos perplexos com o que nos é dado “ver”. A ilusão nada mais representa que a complexidade do nosso cérebro conseguir iludir-nos sobre o que se observa e vê – sobre o que os olhos estão a ver.

Vale a pena recordar, em termos de “marketing” que num primeiro olhar vemos o conjunto e que o detalhe vem depois. Outras vezes passa-se o contrário: o detalhe chama-nos à atenção em primeiro lugar e o conjunto vem depois.

De forma diferente, a essência de “VER” ultrapassa a imagem e dá “movimento” ao que se olha e, também, pode sobressair formas ambíguas e contraditórias de percepção.

Num outro plano e de forma objectiva, os olhos humanos estão preparados para ver a forma, a cor e o contraste. Sem contraste entre as formas não conseguimos ver. É outra forma da essência do ver.



Cor e contraste – José de Guimarães 1974

Por último, gostaria de vos trazer a teoria matemática dos FRACTAIS¹.

Fractal é um objecto geométrico cuja estrutura básica se repete em diferentes escalas. O termo foi proposto pelo matemático Benoît Mandelbrot em 1975 e deriva do latim “fractus” (fracção, fracturado) e observa-se em abundância na natureza. A sua forma é feita de cópias menores da mesma figura. A mesma forma, mas diferentes tamanhos, em que as partes são semelhantes ao todo.

As nuvens, as montanhas, o sistema circulatório, as linhas costeiras ou os flocos de neve são fractais naturais.

Na verdade, só a visão melhor pode realçar a objectividade das fórmulas e equações que modelam a natureza, como acontece com os fractais. Vários exemplos demonstram esses perfiz matemáticos que nós conseguimos ver e apreciar e que nos transmitem sentimento de beleza com o que denominamos ”obra da natureza”, sempre deslumbrante e cativante ao olhar.

Neste sentido, ver exalta transcendência e aproxima-nos do simples complexo que nos rodeia, tornando sublime essa capacidade que é poder ver.

Desviámo-nos, um pouco, da essência de “VER” para mergulhar num outro “VER” diletante, numa forma da “insustentabilidade do ver” que, também, nos apraz e delicia.

Muito obrigado pela atenção que dispensaram e perdoem-me por ter sido demorado num tema que muito me interessa mas que, na verdade, a todos nós diz respeito.

Muito obrigado.

Novembro 22. 2014

¹ Fractals in Nature – YouTube: <https://www.youtube.com/watch?v=RZL0SLf04yM>